

RESENHA

POR UMA GRAMÁTICA DE LÍNGUA DE SINAIS

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273p.

*Eliamar Godoi**

Essa reimpressão da obra publicada em 1995, trabalho pioneiro em termos de Descrição da Língua de Sinais Brasileira, em que Lucinda Ferreira Brito passa a ser referenciada como ‘*Ferreira, L.*’, inicia-se com a autora esclarecendo sobre a origem da sigla LIBRAS e a sua adoção nessa obra. Já no prefácio, a autora atribui a decisão em adotar o nome LIBRAS no livro e na difusão dessa sigla advinda do resultado de uma reunião acontecida na FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) em outubro de 1993. A autora ressalta que, embora o nome LIBRAS não atenda aos padrões internacionais de denominação das línguas espaços-visuais, foram acatados os anseios dos surdos brasileiros em propagar o nome LIBRAS para a língua de sinais do Brasil.

Preenchendo lacuna bibliográfica na área, o livro pode ser tomado como importante introdução aos estudos em Língua de Sinais, pois apresenta e discute aspectos fundamentais do campo do saber, aplicando-os à descrição da Língua de Sinais. O livro passa a ser referência obrigatória nos estudos e pesquisas envolvendo essa língua e nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Libras. As três partes, subdividas em treze capítulos que compõem o livro, apresentam estrutura organizacional coesa, mantendo relação de continuidade entre si, mas podendo se constituir em unidades autônomas, já que, a partir do interesse dos leitores, pode-se conceber certa hierarquização.

Dividido em três partes, além da Introdução, a parte I trata dos aspectos

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Linguista e Pedagoga. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias - GPELEDT. Atua no Processo de ensino e aprendizagem de Libras, Educação Especial, Educação a Distância e Linguagens. *E-mail*: eliamar@cepae.ufu.br

descritivos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e está subdividida em nove capítulos que versam sobre dois níveis linguísticos que a gramática da LIBRAS compreende, entre eles apresenta a Morfofonologia e a Sintaxe. A primeira parte também discorre sobre aspectos linguísticos da LIBRAS como: a Negação, os Pronomes e os Classificadores em LIBRAS. Há nessa parte, ainda, capítulos que versam sobre as Modalidades Epistêmicas e Deodônticas em LIBRAS, além de apresentar Termos Básicos para as Cores em LIBRAS e como acontecem os Atos de Fala na comunicação em Língua de Sinais Brasileira. A parte II, subdividida em três capítulos, apresenta Metodologias de Pesquisa das Línguas de Sinais, considerando a especificidade da LIBRAS como objeto de pesquisa e a necessidade do registro dos dados por meio de vídeo. Nesse caso, a autora discorre sobre a Pesquisa de Campo, o Sistema de Transcrição de Enunciados e Textos de Línguas de Sinais, além de apontar o Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais na iniciativa de compor e apresentar um sistema de notação para a LIBRAS, auxiliando no processo de transcrição e descrição dessa língua. Já na Parte III, composta por apenas um capítulo, a autora apresenta um estudo comparativo entre os sinais para Tempo e Espaço em LIBRAS e em LSKB (Língua de Sinais Kaapor Brasileira).

A começar pela introdução, a autora esclarece que a LIBRAS é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem. Trata-se de uma língua natural visuoespacial surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português e as demais surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos de seus usuários. O canal visuoespacial não surge como o preferido pela maioria dos seres humanos para o desenvolvimento da linguagem, já que a maioria das línguas naturais possui o canal oral-auditivo como canal de comunicação, mas se mostra como uma alternativa de força e importância da manifestação da faculdade de linguagem das pessoas. Segundo a autora, a linguística não pode ignorar as línguas de sinais em sua investigação, pois ao reconhecer essa faculdade de linguagem poderá encontrar os verdadeiros universais linguísticos e compará-los com especificidades acidentais de cada língua e com restrições devidas à modalidade de língua.

A obra aponta que um estudo de uma modalidade visuoespacial de língua pode afetar as teorias linguísticas no que concerne: aos preceitos teóricos

que definem a linguagem ou capacidade linguística; à concepção atual de gramática de uma língua revendo a noção de arbitrariedade, substituindo-a por convencionalidade; a simultaneidade como possibilidade de combinação (opositiva, contrastiva) das unidades distintivas e de significado; a rever a noção do que seja central em uma gramática ou língua; à reunião dos universais linguísticos no tratamento das línguas de sinais enquanto manifestação de capacidade linguística do homem; e à mudança de atitude do linguista frente à pesquisa linguística. Para tanto, as pesquisas sobre as línguas de sinais reafirmam grande inter-relacionamento com a Sociologia, Antropologia, Neurologia, Psicologia, Epistemologia e com a Educação.

A autora termina a introdução, defendendo que os estudos linguísticos específicos das línguas de sinais podem fornecer dados para que essas línguas sejam ensinadas e aprendidas por surdos e ouvintes e considera que pelas especificidades próprias dessas línguas, impossibilita o seu uso concomitante ao uso da língua oral, mesmo essas duas modalidades sendo processadas por canais de comunicação distintos e exclusivos. Para a autora, é clara a inviabilidade da comunicação bimodal, muito usada atualmente pelos defensores da Comunicação Total. Ela esclarece que a intenção primeira desse trabalho foi a de salientar a importância dos estudos sobre as línguas de sinais, tanto para as comunidades surdas como para diferentes áreas do conhecimento, seja do ponto de vista teórico ou prático. A autora termina a introdução apontando o Bilinguismo, no seu sentido estrito (Língua de Sinais e Língua Oral), como a abordagem educacional mais adequada, já a língua oral em sua modalidade escrita também é imprescindível para aos surdos.

Na parte I – *Aspectos Descritivos da Língua Brasileira de Sinais* – o capítulo I esclarece que a descrição aborda aspectos de vários níveis linguísticos da LIBRAS, como: o fonológico, o morfológico, o semântico e o pragmático. Segundo a autora, a descrição é mais para despertar o interesse científico pela estrutura da LIBRAS, documentá-la como riqueza cultural, resgatá-la como língua natural e apresentar reflexões sobre a filosofia educacional mais adequada à educação do surdo e menos para aprofundar na descrição linguística dessa língua. A autora ratifica que a LIBRAS tem estrutura própria e que é regida por princípios universais.

Sobre *Empréstimos linguísticos em LIBRAS*, a obra inventaria que são vários os tipos, tais como: Lexical (alfabeto manual – mão representando letras do alfabeto da Língua Portuguesa); Inicialização (o sinal é realizado

com a mão configurada na primeira letra da palavra representativa em português – Ex: BRASIL, CINZA, ROXO, etc.); Sinais de outras línguas de sinais (os sinais são realizados parecendo ser sinal com mesmo valor semântico da língua de sinais americana ou francesa – Ex: ANO, LARANJA etc.); Domínios semânticos (uso de termos não nativos) e Empréstimos de ordem fonética (repretação visual do som que constitui a palavra em português, tal como percebida pelo surdo – Ex: DICIONÁRIO é #PÁ BURRO(SP), sinal derivado expressão oral ‘pai dos burros’.

Quanto aos Aspectos Estruturais, a obra define que a estrutura sublexical da LIBRAS, como todas as demais línguas é constituída a partir de parâmetros que se combinam, principalmente com base na simultaneidade. São eles: Configuração de mão (CM); Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA). A autora ressalta que a Orientação (O) pode ser um quarto parâmetro, mas não havia acordo sobre essa questão até 1995. Os parâmetros podem ser alterados obtendo aspectos modulados, incorporação de informações gramaticais, lexicais, quantificação, negação e tempo. Os aspectos pontual, continuativo, durativo e iterativo são obtidos pela alteração do Movimento e/ou da configuração de Mão – Ex: FALAR (pontual – ele falou), FALAR (Continuativo – fala sem parar). Há exploração do espaço, através da simultaneidade, para a inclusão de informações gramaticais no item lexical. Para a quantificação, o processo é o mesmo. A incorporação de informação léxico-sintática se dá pela superposição da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito). Ex: COMER –> COMER-MAÇÃ. A obra ainda versa sobre os verbos direcionais ou verbos com flexão que impele direção ao Movimento, marcando o ponto inicial do M, o sujeito, o ponto final e o objeto.

No que se refere à “Morfofonologia e sintaxe da LIBRAS”, apontada pelo capítulo 2, a autora discute se as línguas são línguas verdadeiras ou apenas sistemas de comunicação sem gramática, mas já parte do pressuposto de que as línguas espaço-visuais são tão completas, complexas e abstratas quanto as línguas orais-auditivas como o Português, o Francês, o Inglês, etc. Para isso, são descritos alguns aspectos morfosintáticos da LIBRAS, começando pela “Estrutura Interna dos Sinais”. Nesse tópico, defende-se que as línguas de sinais exibem dupla articulação como as línguas orais e possuem unidades significativas (morfemas), constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado (fonemas). A diferença básica das duas

modalidades está na organização fonológica: a linearidade (línguas orais) e a simultaneidade (línguas de sinais). A fonologia considera como parâmetros primários: a Configuração de Mãos, o Ponto de Articulação e o Movimento e como parâmetros secundários a Região de Contato, a Orientação das Mãos e a Disposição das Mãos.

A obra aclara ainda sobre os “Componentes Não-manuais” – expressão facial e corporal - muito importantes, já que a expressão facial ou o movimento do corpo pode também ser considerado parâmetros. Quanto aos “Aspectos Morfológicos”, estes são baseados na simultaneidade sendo que a modificação na duração e extensão do Movimento de alguns sinais pode acrescentar a ideia de grau e os verbos multidirecionais apresentam flexão para pessoa e número através da direção de Movimento. Quanto ao Gênero, na LIBRAS os nomes não apresentam flexão de gênero, sendo que deve-se indicar o sexo pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais ou pode ainda haver sinais diferentes para um e outro como PAI/MÃE (RJ). No que se refere ao Número e Quantificação, a LIBRAS manifesta o número através dos valores singular, dual e plural.

No substantivo, o valor dual é expresso pela repetição do sinal e pela anteposição ou posposição do número DOIS, ou por um movimento semicircular orientado para os dois referentes. A pluralidade é marcada pela repetição do sinal três ou mais vezes, pela anteposição ou posposição de sinais indicativos dos números, ou através do movimento semicircular que abrange pessoas ou objetos em questão. Outras vezes, a ideia de plural é expressa pelo sinal MUITO, posposto ao substantivo. O Grau dos adjetivos pode se marcado tornando mais rápido, mais curto, mais ou menos veloz o movimento dando a ideia de intensificador incorporado ao sinal – Ex: os sinais BOM e MELHOR são indicados pela direção do movimento para frente e para cima, com intensidade e comprimento maiores no sinal MELHOR. Já o grau aumentativo e diminutivo dos substantivos é marcado pelos sinais MUITO/POUCO ou GRANDE/PEQUENO posposto ao sinal. Para marcar Pessoa, a LIBRAS apresenta três pessoas do discurso, no singular e plural. Em todos os casos no singular é usada a configuração de mão em G.

A obra aponta que o plural é expresso pelo movimento semicircular para a segunda pessoa e do movimento circular para a primeira pessoa. Já os verbos direcionais manifestam as flexões para pessoa e número nos pontos inicial e final do movimento que os caracteriza – Ex: DAR em que

o ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto indireto. O Tempo é marcado na LIBRAS através de locativos temporais manifestando entre si relações espaciais. O plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor representa o presente (HOJE/AGORA). O futuro próximo é indicado por um movimento curto que se direciona para frente do locutor (AMANHÃ). O passado é indicado por movimento sobre o ombro até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido (ONTEM). Já o Aspecto, temos as formas verbais flexionadas quanto às diferentes maneiras aspectuais tais como pontualidade, continuidade, duração, etc. – Ex: VER/OLHAR, sendo que os aspectos pontual, continuativo e iterativo são obtidos através de alterações do Movimento e/ou da configuração de Mão. A incorporação de informação morfossintática se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito). Ex: COMER-MAÇÃ. Quanto a ordem dos sinais nas frases a autora apresenta uma reflexão feita ao examinar a ordem dos sinais nas frases da ASL, cuja ordem básica seria o SVO (Sujeito – Verbo – Objeto), mas considera que outras ordem são permitidas.

Quanto à “Negação em LIBRAS”, apontada pelo capítulo 3, a autora considera o modelo proposto por Stokoe *et al.* (1965), Klima e Bellugi (1979) com base nos parâmetros M, CM, PA, O, EF (expressão facial). Assim, a negação pode ser classificada em: negação proposicional (PARECER PAULO NÃO VIR), negação performativa (NÃO PROMETER VIR REUNIÃO) e negação modal (NÃO ACHAR ELE VIR REUNIÃO). No entanto, a autora considera a negação em seu sentido amplo para verificar a produtividade de paradigmas que eram obtidos através de processos morfológicos de derivação, cujos sufixos carregam um significado relacionado com a oposição ou inversão e com a rejeição. A obra apresenta três tipos básicos de negação em LIBRAS. São eles: Negação através do uso do NÃO entreposto ou posposto ao item negado (ACHAR NÃO); Negação de suprasegmental ocorre simultaneamente ao item negado (balançando a cabeça negativamente) – Ex: ACREDITAR e NÃO-ACREDITAR; Negação por incorporação da negação em que o item a ser negado sofre alteração em um de seus parâmetros, especialmente no Movimento. Há ainda a assimilação do parâmetro Movimento da partícula negativa NÃO ao item negado – Ex: TER/NÃO-TER e também da negação obtida através da alteração do Movimento do sinal base, cuja direção é para ou no corpo do enunciador.

A alteração à mudança de direção para fora, na maioria das vezes com o voltar-se da palma da mão também para fora – Ex: NÃO-QUERER; há ainda um terceiro tipo de incorporação da negação que é por contrariedade, sendo obtida por uma inversão do movimento podendo ser observado nos sinais GRANDE/PEQUENO, ABERTO/FECHADO, etc.

Na obra, o capítulo 4 apresenta uma análise dos pronomes pessoais da língua de sinais americana (ASL) e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tomando-os por pronomes verdadeiros e não como formas com *loci* referenciais associados. A autora apresenta a leitura do trabalho de Lyons (1981) que classifica três classes principais de expressões referentes aos pronomes sendo: nomes próprios, sintagmas nominais, tendo por núcleo substantivos comuns e pronomes com função básica indexical ou dêitica, ou seja, os pronomes devem ser definidos como a *déixis* em termos de localização espaço-temporal no contexto de enunciação.

Os pronomes são uma das principais subclasses das expressões referentes (LYONS, 1981) e a referência é a relação mantida entre as expressões linguísticas e o que elas significam no discurso. Há traços formantes dos pronomes pessoais em ASL e em LIBRAS, assim, no que se refere à Orientação temos três eixos, a saber: acima/abaixo; à frente/atrás; à esquerda/à direita. A autora esclarece que é o eixo à frente/atrás o que parece ser a base dos sistemas pronominais da LIBRAS e da ASL, no entanto apesar de os pronomes pessoais serem expressões referenciais, já que contém apenas informação contextual, eles não são simples localizações. Eles possuem papéis de identificação conversacional do enunciador e do destinatário, ou seja, as duas pessoas do discurso que são realmente pessoas.

Realizando uma análise tripartida da localização, a autora diferencia três níveis espaciais sendo: a localização como um componente interno da estrutura de um sinal; a localização como parte do espaço de enunciação usado como a estrutura linguística para os pronomes; e a localização real dos participantes conversacionais e dos referentes da terceira pessoa. Para a autora, os dois primeiros níveis são linguísticos e convencionais, já o terceiro, não. A autora ainda considera que a *localização* surge como um componente interno da estrutura de um sinal tanto para a LIBRAS quanto para a ASL. Isso porque o parâmetro localização para as formas canônicas de todas as três pessoas é o espaço neutro (área à frente do corpo do usuário, à altura do tórax). No entanto, para os pronomes de primeira pessoa, o parâmetro

pode ser o espaço neutro como o centro do tórax, ou seja, pode-se variar dentro de uma determinada faixa no espaço físico. Segundo a autora, isso se dá pelo fato de que o espaço neutro, sendo uma unidade componente de um sinal, é definido em relação ao corpo do emissor, que assinala o espaço de enunciação como uma estrutura linguística para os pronomes. Há ainda a localização real dos participantes conversacionais e dos referentes de terceira pessoa, sendo que a localização real do referente de primeira pessoa coocorre com a sua localização como parte do espaço de enunciação, pois o espaço de enunciação é ancorado no enunciador.

Um grande destaque da obra, apresentado no capítulo 5, é o estudo sobre os classificadores da LIBRAS. A autora, ao considerar morfema cada Configuração de Mão utilizada como Classificador, define que os Classificadores – Cls são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Nesse caso, as línguas de sinais, por serem espaço-visuais, usam os Cls frequentemente explorando morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais. A autora cita Allan (1977) que afirma que um Classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicativo para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica. Nessa direção, o classificador tem significado sempre, pois denota características percebidas ou imputadas da entidade à qual o nome associado se refere. Enfim, o Classificador é um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe a propriedade de pertencer à determinada classe e pode funcionar como nome, adjetivo, advérbio de modo, ou locativo, mas se incorporam especialmente no verbo ou no adjetivo, apresentando-se no sintagma verbal ou predicado.

A autora se detém a examinar o que Allan (1977) denominou de Cl-predicado sendo o caso da LIBRAS. Na LIBRAS, os Cls funcionam como partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento e localização. A autora, no entanto, apresenta uma análise comparativa entre os classificadores de línguas de sinais como a ASL e o Navajo. Nesse contexto, a relação entre o significado do verbo e o Cl, em língua de sinais, tende a ser transparente ou icônica, mas essa transparência se perde com a extensão dos itens lexicais de uma classe de Movimento e Localização para outras classes semânticas, tais como cognição, percepção, emoção, etc., isto é, para classes de referentes mais abstratos. A autora entende que há algumas classes semânticas de Cls, quais sejam: as formas dos objetos concretos e a

maneira de seu envolvimento no evento (x-tipo de objeto e segurar x-tipo de objeto), assim como também, há CIs que veiculam informações sobre a maneira em que a ação se dá, funcionando, como advérbios.

Em LIBRAS, podem-se exemplificar duas classes semânticas (forma e envolvimento como objeto) como os sinais VOTAR (a configuração de mão faz referência à forma dos objetos envolvidos no evento) e CHÁ (a configuração de mão referente à maneira como se segura a xícara). Já para CIs como advérbios a autora cita como exemplos os sinais para: ANDAR (para pessoa), ANDAR (para animal) e DIRIGIR. Para a autora, em uma narrativa, os CIs podem mostrar a relação espacial entre pessoas e as coisas, como o sinal para ACIDENTE, por exemplo. Nessa direção, o CI para objetos longos e finos, incluindo pessoas em pé, é realizado com a mão em G, extremidade do indicador voltada para cima; o veículo representa-se com a mão direita em B, palma para baixo e extremidade dos dedos para a esquerda, a qual se aproxima da mão esquerda, e assim por diante.

A autora cita os CIs mais produtivos da LIBRAS entre eles estão: a mão em Y para x-tipo de objeto (roupas, pessoas gordas, latas de óleo, etc.); mão em B para superfícies planas e para objetos não altos nem finos e planos (porta, parede, papel, teto de uma casa, livro, espelho, etc.); mão em G para descrever, localizar, apresentar objetos quanto à forma e tamanho (poste, pessoas, fios, buraco, etc.); mão em F para sinais icônicos como ESCOLHER, CAFÉ, sendo também descritivo quanto à forma e tamanho dos objetos na maneira de segurar. CIs para segurar x-tipo de objeto, autora aponta a CM – mão em A para segurar objetos como: buquê, faca, sacolas etc., e ainda para sinais transparentes de: MATAR, CARIMBAR, BATER, etc. Assim, a autora finaliza salientando o uso de mais de um CI para o mesmo referente e que a descrição espacial de eventos percebidos pelos usuários de diferentes línguas de sinais pode estar restrita pela modalidade espaço-visual de cada língua sinais.

Outro aspecto analisado na obra, apontado pelo capítulo 6, é a Correferência em LIBRAS. Segundo a autora, a Referência em LIBRAS funciona de maneira similar àquela das línguas orais, como o português, por exemplo, já a Correferência é um fenômeno realizado por meio do uso de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos, mas também por meio do termo comparativo, da mudança de posição do corpo, do uso de classificadores e até, mesmo, do uso de olhadelas. Ressalta-se que na LIBRAS há três formas

de elementos anafóricos. Já os pronomes Correferenciais constituem-se do uso de diferentes configurações de mãos e de contato ou não de olhos, assim como de rápidas olhadelas – EU, VOCÊ, MEU, ESTE, etc. Há ainda o uso Correferencial de Classificadores em que há substituição do nome pelo classificador, ou substitui o Classificador pelo sinal do objeto. Sobre a ambiguidade de Correferência em LIBRAS, a autora ressalta que, por ser uma língua espaço-visual, a LIBRAS dificilmente apresenta ambiguidade de correferência, já que o uso do espaço é sistemático.

O capítulo 7 apresenta um estudo sobre os atos de fala, buscando relacionar as funções dêiticas e instrumental da linguagem a outros fenômenos. Para a autora, a função instrumental dos modais deontônicos (conceito de obrigação em contraste com proibição) relata primordialmente a manifestação atitudinal dos sujeitos de enunciados com atos diretivos, tais como ordens e pedidos, sendo que esses dois grupos de modais (ordem/pedido) expressam diferentes graus de subjetividade, sendo que os modais deontônicos são essencialmente instrumentais. A LIBRAS possui sinais equivalentes para todas as noções modais (necessidade, impossibilidade, obrigação, proibição, etc.) das línguas orais, pois as construções modais verbais e adjetivas são mais comuns do que as construções substantivas e adverbiais. Os verbos modais da LIBRAS situam-se, em geral, no início do enunciado. A obra aponta sobre os modais aléticos em LIBRAS, ou seja, modalidades de necessidade e possibilidade. Esses modais podem ter função de adjetivo ou verbo, mas, em algumas situações, podem ser usados epistêmica ou deonticamente, pois são polissêmicos (vários sentidos). Os termos: IMPOSSÍVEL, NÃO-PODER, ÓBVIO, PRECISAR são alguns dos modais aléticos em LIBRAS. Na sequência, a autora traça algumas construções modais por meio de esquemas, demonstrando por meio de estruturas sintático-semânticas subjacentes, um estudo sobre os adjetivos modais do Português.

O capítulo 8 apresenta o resultado de uma pesquisa ligada à investigação sobre as cores, consistindo num sistema de comparação dos sistemas dos termos básicos para as cores da LIBRAS e da LSKB, ambas, Línguas de modalidade espaço-visual. Para o Capítulo 9, a autora apresenta um estudo pragmático dos pedidos em LIBRAS, relacionados aos atos de fala, considerando o pedido e as estratégias de polidez em LIBRAS. A autora fecha a primeira parte, reconhecendo que a metodologia usada nesse último

capítulo precisa ser aperfeiçoada no sentido de se obter dados mais naturais e espontâneos, contudo representa um primeiro passo em direção ao estudo das estratégias de polidez e dos atos de fala em uma língua de sinais.

A parte II dessa obra foi reservada para tratar sobre a metodologia de pesquisa de Língua de Sinais, sendo que os curtos capítulos 10 e 11 versam sobre a pesquisa de campo, destacando a obrigatoriedade de se registrar os dados das pesquisas envolvendo as Línguas de Sinais em vídeo e realizar a transcrição de sinais e de unidades linguísticas maiores como enunciados e narrativas baseados nos sistemas de transcrição, utilizado na Europa e Estados Unidos de modo adaptado. A autora ainda descreve as características dos informantes, além de apontar a relevância de preparar os surdos para a pesquisa linguística, inserindo-os na equipe de pesquisadores. Na sequência, a autora enumera 10 passos para realização da transcrição de enunciados maiores em Línguas de Sinais, usando o sistema de notação. Já o capítulo 12 traz mais um modelo de transcrição das Línguas de Sinais. Trata-se do sistema *Ferreira Brito-Langevin* de transcrição de sinais que foi criado por Ferreira em parceria com Langevin. A autora assevera que os parâmetros considerados clássicos na descrição dos sinais são: 1) configuração de mão; 2) ponto de articulação; 3) movimento; 4) orientação. Nesse caso, para que haja movimento, é preciso haver um objeto e um espaço. Há o *setting* ou espaço de realização dos sinais com três eixos que correspondem aos três graus de liberdade de movimento no espaço. Em relação à mão, foram identificados movimentos internos, podendo ser identificado onde está o movimento, sua velocidade, para tanto foi criada uma fórmula envolvendo velocidade, limite, tempo, comprimento, vetor, etc. Foram feitas ainda algumas considerações matemáticas a marcação da reduplicação, simetrias e repetições no espaço usado de formas diferentes pelas línguas de sinais.

Finalmente a parte III, composta apenas pelo capítulo 13, aponta considerações sobre a pesquisa comparativa de Língua de Sinais considerando os sinais para tempo e espaço em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e em Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB). Para a autora, esse trabalho sugere que a linguagem proporciona a forma como os usuários da língua vêem o mundo, já que sua estrutura é moldada pelas pessoas que criam e por sua cultura, a qual, por sua vez, é influenciada pelo ambiente. A autora termina a obra concluindo que a linguagem é uma interação entre língua, povo, cultura e meio ambiente, e não de um determinismo da estrutura

linguística sobre a visão de mundo dos usuários.

Por ter sido escrito de modo claro e consistente, por apresentar bibliografia bastante atualizada na área da Língua de Sinais, por criar sistemas de notações léxicas, por aplicar os pressupostos teóricos da Linguística e descrever de modo original e pioneiro a língua de sinais brasileira, *Por uma gramática de Língua de Sinais* passa a ser livro de leitura obrigatória a todos aqueles – iniciantes ou iniciados – que se dedicam ao estudo das Línguas de Sinais. Discutindo pontos fundamentais no estudo da Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS, com concentração nos aspectos linguísticos, formação e composição dos sinais, o livro tem ainda o mérito de colocar à disposição do leitor diferentes posições sobre os vários temas abordados, envolvendo língua, linguagem, sistemas linguísticos, outras línguas de sinais, cultura, o que permite que iniciados e iniciantes na área tenham uma visão abrangente das estruturas da língua de sinais brasileira, mas que, especialmente, percebam a LIBRAS como uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos possuem.

Data de registro: 13/04/2015

Data de aceite: 26/08/2015